

## **GEOPOÉTICA E EXPERIÊNCIA: ENSINAR E APRENDER PELA (RE)CONEXÃO COM A TERRA**

### **GEOPOETICS AND EXPERIENCE: TEACHING AND LEARNING THROUGH (RE)CONNECTION WITH THE EARTH**

Danieli Barbosa de Araujo<sup>1</sup>  
Jeani Delgado Paschoal Moura<sup>2</sup>

**RESUMO:** Vivemos em uma era marcada pela voracidade informacional e pela incansável busca por eficiência, o que resulta na frequente priorização das técnicas em detrimento da experiência. A experiência, outrora considerada essencial para o saber, moldando e transformando a vida dos indivíduos, muitas vezes se torna desvalorizada e desconsiderada. Nesse contexto de aceleração, somos constantemente impelidos a encontrar respostas instantâneas e soluções imediatas, relegando pouco tempo à contemplação, reflexão e aprendizado por meio da experiência. No entanto, a experiência tem se fortalecido como um elemento importante no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo ressignificar a experiência por meio da geopoética, para estabelecer uma conexão sensível com os lugares. A pesquisa, de natureza qualitativa e embasada na abordagem humanista da Geografia, fundamenta-se na análise bibliográfica exploratória, buscando tecer relações entre geopoética, lugar e experiência. Como resultado, demonstra-se como a geopoética expressa uma forma de existir por meio da experiência direta e sensível no mundo, oferecendo um espaço aberto para uma educação humanista. Assim, os estudantes não apenas compreenderão o mundo, mas, sobretudo, se relacionarão com ele de forma harmoniosa e responsiva.

**Palavras-chave:** Geopoética; Experiência; Lugar; Geografia.

**Abstract:** We live in an era marked by an insatiable hunger for information and an relentless pursuit of efficiency, often resulting in the prioritization of techniques over experience. Experience, once considered essential for knowledge, shaping and transforming individuals' lives, is frequently devalued and disregarded. In this accelerated context, we are constantly driven to find instant answers and immediate solutions, leaving little time for contemplation, reflection, and learning through experience. However, experience has been increasingly recognized as an important element in teaching and learning. Thus, this article aims to reframe experience through geopoetics, to establish a sensitive connection with places. The research, qualitative in nature and grounded in the humanistic approach to Geography, is based on exploratory bibliographic analysis, seeking to weave connections between geopoetics, place, and experience. As a result, it demonstrates how geopoetics expresses a way of existing through direct and sensitive experience in the world, offering an open space for humanistic education. In this way, students will not only understand the world but, above all, relate to it in a harmonious and responsive manner.

**Keywords:** Geopoetics; Experience; Place; Geography.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Professora Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP, email : contato.danielliaraujo@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Presidente Prudente/SP, professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina , email : jeanimoura@uel.br  
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



## INTRODUÇÃO

*“El niño que perdió su geografía”*

Él nació en una mañana clara, muy clara, rodeado de edificios altos, casas bajas y medianas, de montañas grandes y suntuosas que emergían al fondo junto a los ríos, lleno de árboles y jardines con flores, niños corriendo en los parques. Fue allí donde nació, rodeado de personas, de geografías y de historias. En ese paisaje, él fue creciendo, tocando el mundo y siendo tocado por el mundo, sintiendo sus aromas, olores, sabores, sus alegrías, pero también sus tristezas [...]. El tiempo pasó, y el niño fue creciendo, tuvo que ir a la escuela, una casa que siempre supo que existía, sobre la cual se escuchaba decir que también se guardaban libros y juegos. Él sabía que el mundo podía ser hojeado y ahora que iba a la escuela se preguntaba con curiosidad: ¿qué otros movimientos podría hacer? Pero algo extraño sucedió: ¿dónde estaban los lugares, los paisajes, el mundo que a él tanto le gustaba?, ¿dónde estaba el mundo que podía ser hojeado y que giraba sobre sí mismo? No entendía, veía solo palabras, números, pero ¿dónde estaban las otras cosas? Aprendió a escribir las montañas, los ríos, las calles, pero ¿dónde estaban los ríos, dónde estaban las calles, los barrios, los lugares que eran parte de él? Con sorpresa escuchó decir que había borrado el mundo de la escuela, y con eso el sonido de los pájaros y de las personas iba lentamente desapareciendo. Y fue así, cuando ya estaba más grande, cuando comprendió que había perdido su geografía. El viejo libro ya no tenía más movimiento, el globo terráqueo ya no giraba, y su mundo ya no estaba en ningún lugar.

Adaptação do conto “El niño que perdió su geografía” (Moreira, 2015).

Em "O menino que perdeu sua geografia", somos apresentados à história de um menino que, ao adentrar na escola, se viu privado de sua geografia vivida, como se uma parte essencial de sua identidade tivesse sido subitamente arrancada. À medida que os dias passavam, o menino sentia um vazio dentro de si. Ele se esforçava para se adaptar à nova realidade, tentando encontrar algum vestígio de seu mundo, de suas experiências, nas páginas dos livros escolares ou nos mapas estáticos.

No entanto, por mais que se esforçasse, ele não conseguia sentir a mesma familiaridade e conexão com aqueles lugares desenhados no papel. Assim, uma sensação de deslocamento foi se instalando, como se ele fosse um estrangeiro em sua própria terra. As aulas tornaram-se monótonas, desprovidas da magia que antes ele encontrava em cada canto de sua cidade natal. Os números e as palavras agora dominavam seu mundo, substituindo as cores vivas e os sons alegres que costumavam acompanhá-lo em sua jornada diária.

A perda de sua geografia não é apenas a ausência de contato físico com os lugares que ele amava, mas também a falta da experiência genuína que esses lugares representavam em sua vida. A informação começa a substituir a experiência, tornando o mundo mais distante e menos significativo para ele, enquanto a conexão com sua própria história e identidade vai se desvanecendo gradualmente.

Essa narrativa destaca a perda que ocorre quando a educação se distancia da experiência direta com o mundo e como isso afeta a identidade e a conexão das pessoas com os lugares. Nesse sentido, o presente artigo apresenta uma temática relevante para a Geografia, especialmente no contexto atual, onde as interações humanas demandam uma análise aprofundada. A pesquisa tem como objetivo explorar as consequências da desconexão entre a experiência vivida e a educação formal, enfatizando a importância de integrar a geopoética, teoria desenvolvida por Kenneth White (1994), e a experiência sensível como pilares para a formação humana. O estudo se fundamenta em uma revisão de literatura, abordando autores como Larrosa (2018; 2019), Bachelard (1993), Dardel (2011) e White (2013; 2014; 2018), que contribuem para refletir sobre as conexões entre homem/mulher/terra, por meio da valorização da experiência geopoética.

A narrativa sobre o menino que se viu privado de sua geografia vivida é uma crítica ao modelo educacional atual frequentemente amparado em abordagens que priorizam a teoria em detrimento da experiência. A experiência, como nos lembra Larrosa (2018; 2019), é aquilo que nos toca, que nos acontece, nos transforma, que nos faz sentir e pensar. Nessa narrativa, somos levados a refletir sobre a importância da experiência como base fundamental para a construção da identidade e um caminho promissor para assegurar os processos formativos. Oliveira, Moura e Marandola Jr. (2023) afirmam que a experiência está associada ao aprendizado, o que torna a perda de vivências autênticas um obstáculo não apenas para aprender e compreender o mundo, mas também para o desenvolvimento pessoal.

Deste modo, em um mundo inundado por informações, onde a experiência se torna cada vez mais escassa, propomo-nos a explorar a geopoética, defendida e fundamentada por White (2013; 2014; 2018), como um caminho para resgatar o valor da experiência na formação humana. A geopoética, enquanto teoria-prática, propõe uma relação sensível e inteligente com a Terra. Ao valorizar as experiências e reconhecê-las como base fundante do conhecimento, a geopoética abre possibilidades para a busca de uma relação sensível com a Terra, resgatando valores estéticos, místicos e sagrados de nossa existência, reconhecendo que essa relação terrestre não pode ser inteiramente compreendida por leis invariáveis e universalmente válidas (Araujo, 2022).

Assim como o excesso de informação pode privar a experiência, a ênfase exclusiva na teoria, como forma dominante de conhecimento, pode distanciar de uma experiência geográfica autêntica, como definida por Dardel (2011). A experiência geográfica é, antes de tudo, um encontro afetivo com a singularidade de um lugar, cuja fisionomia carrega um significado intrínseco. A imersão subjetiva no mundo exterior permite ser tocado pela atmosfera única do



lugar (Besse, 2011). A experiência geográfica revela uma imersão no espaço antes de ser nomeada, categorizada ou conceitualizada. É a geografia que sentimos, que nos afeta e nos toca diretamente, antes de ser traduzida em palavras ou representações - reforçando a importância de uma relação sensível e imediata com o mundo ao nosso redor.

Neste contexto, a metodologia adotada na presente pesquisa é qualitativa, fundamentando-se na abordagem humanista da Geografia e envolvendo uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico. O foco da investigação reside na valorização da experiência e sua contribuição para os processos formativos, em especial na Geografia. Pretende-se oferecer reflexões que apontem para a defesa de práticas pedagógicas sensíveis que valorizem a experiência como um componente essencial na formação dos estudantes.

O artigo está organizado em duas partes. A primeira, “Aprender pela experiência”, discute a experiência como meio para a compreensão da realidade material e das dimensões subjetivas e simbólicas do espaço. A segunda, “Geopoética como expressão da experiência sensível”, trafega pela ideia de “geo-experiência”, revelando-se como um mergulho sensorial na paisagem e como um elemento central na compreensão do espaço geográfico.

## **APRENDER PELA EXPERIÊNCIA**

A educação entendida como um processo de transformação do saber encontra seu verdadeiro sentido na experiência, que pressupõe um caminho para a mudança e crescimento pessoal, impulsionada pela prática. Sob essa perspectiva, a aprendizagem geográfica transcende a memorização de fatos e dados sobre o mundo, tornando-se uma jornada de (re)construção do conhecimento a partir da experiência vivida. O contato direto com os lugares, a experiência na paisagem e a interação com diferentes expressões culturais possibilitam a construção de um conhecimento geográfico crítico e emancipador, sobrepujando certezas pré-estabelecidas e abrindo caminho para novas descobertas sobre o mundo.

Oliveira, Moura e Marandola Jr. (2023), mostram que a nossa relação com o outro envolve disposição e experiência, a qual não está apenas ligada à presença do outro, mas tem como elemento central a arte de questionar, como alicerce da aprendizagem. O ato de questionar vem da dúvida que enseja todo conhecimento. Não se trata do acontecer ordinário ou do movimento rotineiro, mas sim do que realmente tem impacto em nós, trazendo consigo uma transformação pessoal. Todavia, as experiências têm se tornado cada vez mais raras em uma sociedade que valoriza o excesso de informações e opiniões, caracterizando-se pela falta de tempo e pela incessante busca por eficiência e produtividade. Besse (2011) adverte que no

momento em que o progresso tecnocientífico nos permite percorrer a Terra em todos os sentidos e agenciá-la, a humanidade perdeu a inteligência nativa com a Terra, isto é, sua vocação primordial: habitá-la.

Como destacado por Lima e Baptista (2013), com base em Benjamin (1987) em *Experiência e Pobreza*, a modernidade despojou-nos da experiência em sua plenitude e profundidade. A fragmentação da percepção, a desconexão com a tradição e com a memória coletiva, características intrínsecas à modernidade, resultaram em um empobrecimento da experiência. Segundo os autores, Benjamin (1987) delinea um contraste entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*). A experiência está enraizada na tradição e na memória coletiva, é um processo contínuo de acumulação de conhecimento ao longo do tempo, tanto consciente quanto inconsciente, que fundamenta a nossa compreensão e interação com o mundo. Por outro lado, a vivência, típica da modernidade, é uma percepção fragmentada, superficial e efêmera, que se caracteriza pela falta de continuidade, reflexão e pela alienação do indivíduo em relação ao seu ambiente. Nesse sentido, a vivência contrasta com a profundidade e a solidez da experiência (Lima; Baptista, 2013).

Em um contexto permeado pela velocidade e pela superficialidade, enfrentamos o desafio de resgatar a experiência enquanto um caminho de aprendizado geográfico. Diante dessa realidade, torna-se fundamental repensar nossas práticas e valores educacionais. Como podemos, então, reavivar o gesto de pausa essencial para que as experiências tenham espaço para nos afetar e nos mobilizar?

Segundo Larrosa (2018; 2019), a experiência, a possibilidade de algo nos afetar ou nos mover, requer um gesto que é quase impossível na velocidade do mundo atual: requer que paremos para refletir, para observar, para ouvir, para sentir. Requer que pensemos, olhemos e escutemos mais devagar; que paremos para sentir, para nos demorar nos detalhes, para suspender nossas opiniões, julgamentos e desejos, para suspender o automatismo da ação.

O ato de escutar, o prestar atenção, não apenas nos concede acesso a um determinado conteúdo que nos desafia a reconsiderar nossas próprias convicções e supostas certezas; ele também nos abre para o outro, para sua maneira de refletir e agir, como se fosse um questionamento constante que merece ser tratado com seriedade, tanto em termos teóricos quanto práticos. (Oliveira; Moura; Marandola Jr., 2023, p. 155)

Isso requer que cultivemos a atenção e a delicadeza, que abramos nossos olhos e ouvidos, que falemos sobre o que nos afeta, que aprendamos a desacelerar, que escutemos os outros, que cultivemos a arte do encontro, que silenciemos muito, que tenhamos paciência e que nos permitamos tempo e espaço.



A filosofia bachelardiana oferece uma perspectiva que enfatiza a importância da experiência em sua forma profunda e transformadora. Ao propor a verticalidade como um rompimento da horizontalidade do cotidiano, Bachelard (1993) destaca a necessidade de transcender as vivências superficiais para alcançar uma compreensão mais significativa e reflexiva e nos convida a transcender a superficialidade da vivência para alcançar a experiência.

A horizontalidade em Bachelard (1993) está associada ao tempo que flui de forma linear e contínua. É o tempo da rotina, do dia a dia, das preocupações práticas e imediatas. Nessa dimensão, estamos imersos nas atividades cotidianas, muitas vezes sem espaço para a reflexão e a contemplação. A horizontalidade, embora necessária para a vida prática, pode levar à estagnação e à limitação da experiência. A rotina e a preocupação excessiva com o imediato podem nos impedir de acessar dimensões mais profundas da realidade e de nós mesmos.

A verticalidade, por sua vez, representa uma ruptura com a horizontalidade, um movimento de ascensão e transcendência. É um chamado para quebrarmos a monotonia do cotidiano e nos abirmos para novas possibilidades. A verticalidade está associada à imaginação, à intuição e à subjetividade. É um mergulho no mundo interior, na busca por significados mais profundos e na conexão com a essência criativa.

A verticalidade em Bachelard (1993) manifesta-se no instante poético, um momento de revelação e de encontro com o novo. É um instante de ruptura com o tempo linear, em que nos conectamos com uma dimensão mais profunda da realidade. Nesse sentido, a verticalidade revela-se enquanto um caminho para o crescimento pessoal e a transformação. Através dela, podemos acessar nosso potencial criativo, expandir nossa consciência e nos conectar com o que há de mais autêntico em nós.

Em consonância, caminha a proposta de educação em Bachelard que, segundo Barbosa e Bulcão (2004), está ligada à formação do sujeito, um conceito que abrange uma complexidade que vai além da noção de espaços formais de ensino e do ato de repetir e memorizar. A formação do indivíduo ocorre em seu espaço vivido, em seus espaços cotidianos e afetivos, através da experiência, da quebra da monotonia, da verticalidade e do permitir-se ser afetado. Para as autoras, “só há formação quando há retificação do saber anterior, quando há negação das instituições primeiras, ou seja, quando há desconstrução e reforma do sujeito” (Barbosa; Bulcão, 2004, p. 56).

As proposições bachelardianas nos ajudam a pensar o contexto de ensino da Geografia ao enfatizarem a importância da experiência no processo de formação. Experiência que inaugura e resgata uma *geografia em ato*, isto é, uma geografia que se fundamenta na ideia de que o espaço geográfico não é simplesmente um objeto passível de análise e descrição, mas sim

um campo de interações e experiências constantes (Dardel, 2011). Nesse contexto, a experiência torna-se essencial para compreender e apreender o espaço em sua totalidade, indo além das categorias e conceitos pré-estabelecidos.

A experiência geográfica não apenas proporciona aos alunos o reconhecimento da realidade material, mas também os encoraja a explorar as dimensões subjetivas e simbólicas do espaço. “A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade” (Dardel, 2011, p.5). Assim, a experiência não apenas facilita o reconhecimento da materialidade do mundo, mas também promove a reinterpretação e a transformação da realidade geográfica.

A proposta de Larrosa (2018; 2019) de pensar a educação a partir do par experiência/sentido permite que os alunos aprendam através de suas próprias experiências, proporcionando-lhes a oportunidade de explorar e interagir com o mundo ao seu redor. Isso pode tornar o aprendizado mais significativo e relevante para os estudantes, permitindo-lhes perceber como a Geografia permeia suas próprias vidas e experiências. Como afirmou Dardel (2011, p. 6) “A experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”.

Quando a educação se torna puramente abstrata, ela pode apagar a riqueza das experiências vividas e enfraquecer nossa relação com o mundo real, como ilustrado pela narrativa do menino que perdeu a sua geografia. O que propomos é um movimento de volta às coisas mesmas, de retomada da geografia dos “meninos e meninas” de Moreira (2015), em que pela intencionalidade pedagógica se busca a reconexão com a Terra e a experiência sensorial e afetiva do mundo, promovendo a compreensão da geografia e do mundo ao nosso redor para além da mera memorização e escrita de conceitos e categorias geográficas. Ao envolver os estudantes em uma experiência direta, sensorial e emocional, pretende-se que essa reconexão profunda e significativa com o mundo em que vivemos se mantenha e se prolongue para além dos muros escolares.

Ainda explorando o campo da experiência, veremos, adiante, como a teoria da geopoética enfatiza a experiência e sua capacidade de estabelecer uma conexão sensível com o espaço geográfico. A geopoética expressa uma forma de existir pela experiência direta e sensível do mundo e oferece um espaço aberto para o experienciar, ampliando as possibilidades de engajamento com o ambiente ao nosso redor.



## GEOPOÉTICA COMO EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL

Uma questão frequentemente nos atravessa nos ambientes acadêmicos, em especial na Geografia: o que é, afinal, geopoética? Geopoética é, sobretudo, a expressão de uma experiência íntima e sensível com a Terra. Para compreendê-la, como convida Bouvet (2012), basta olhar ao redor e perceber como nos envolvemos com o mundo que nos cerca. Seja explorando terras distantes ou caminhando pelas ruas familiares da própria cidade. Seja contemplando o vasto mar ou um riacho cercano. Seja explorando poesias, histórias, mapas, ou mesmo apreciando a beleza capturada pela fotografia e pela geografia vivida. Todos nós, de um jeito ou de outro, em algum momento, nos aventuramos pelo campo da geopoética.

A geopoética, de certo modo, se esquivava de definições precisas. Sua natureza, um tanto indescritível e misteriosa, é justamente o que a torna tão intrigante enquanto conceito. Essa característica é sua força e radicalidade, e é exatamente por isso que os geógrafos, frequentemente, são atraídos por ela. A geopoética amplia os horizontes da prática geográfica, estimulando um (re)encantamento do mundo e uma busca por uma conexão sensível com os espaços que habitamos (Leeuw; Magrane, 2019).

Tida como uma teoria-prática, a geopoética foi desenvolvida pelo poeta e pensador escocês Kenneth White, que buscou explorar a interseção entre geografia, poesia e filosofia para aprofundar a compreensão da relação entre os seres humanos e o espaço geográfico. White (2014), introduziu o conceito de geopoética com o objetivo de promover uma conexão mais profunda e significativa com o ambiente que nos cerca. Através dessa teoria-prática, ele propôs uma maneira de restaurar e enriquecer nossa relação com a Terra, frequentemente esquecida ou negligenciada em meio às demandas da vida moderna.

No livro *Plateau de l'Albatros* (2018), White propõe uma introdução à geopoética que se baseia na ideia de “geo-experiência”, uma imersão na paisagem que ressalta a importância da experiência direta e sensorial com os lugares. Nessa perspectiva, a experiência, torna-se central, pois é por meio dela que podemos estabelecer uma conexão profunda e íntima com o ambiente, valorizando a interação pessoal com a paisagem. Em sua obra seminal *La Figure du dehors*, White (2013) também expõe a importância da experiência para a geopoética. Ele defende que a imersão no “fora”, ou seja, no espaço que nos circunda, é essencial para despertar a sensibilidade e a compreensão profunda de lugar e de espaço.

White (2013) acredita que a sociedade moderna, com sua ênfase no mundo tecnológico, nos afastou da conexão primordial com a Terra. Para ele, a geopoética surge como um chamado para retornarmos à “paisagem original”, um estado de comunhão com o mundo que nos permite

experienciar a Terra em sua plenitude. É neste contexto que a geopoética, como demonstra o *Scottish Centre for Geopoetics* (2024), apresenta uma crítica profunda ao pensamento e às práticas ocidentais ao longo dos últimos 2.500 anos, especialmente à separação entre os seres humanos e o restante do mundo natural.

Em contrapartida, enquanto um caminho, a geopoética propõe que o universo é um todo potencialmente integrado, sugerindo que os diversos domínios nos quais o conhecimento tem sido fragmentado possam, de algum modo, ser unificados por meio de uma abordagem poética que coloca o planeta Terra no centro da experiência humana (Scottish Centre for Geopoetics, 2024). Nesse contexto, entende-se a geopoética como um movimento em defesa de uma experiência geográfica sensível, ética e poética, trazendo à luz a *geograficidade*, isto é, a cumplicidade natural do homem com a Terra, onde a existência humana se realiza (Caprez, 2023), além de reafirmar a Terra como base essencial para a nossa existência (Araujo, 2022).

Mas como a geopoética, com sua essência de conexão sensível e inteligente com a Terra, pode enriquecer a educação geográfica ao estimular uma experiência direta e sensível do mundo? Em um momento no qual o debate sobre a perda de conectividade se faz presente, a experiência geopoética pode ser um caminho para a tomada de consciência de nossa relação existencial com o mundo. A geopoética emerge como uma abordagem crucial para a educação geográfica, permitindo a reconexão com o espaço vivido e promovendo uma experiência que rompe com as ligações antropocósmicas desguarnecidas (Bachelard, 1993).

Ao estimular a sensibilidade e a criatividade, a geopoética abre-nos para a experiência de uma intimidade material, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica (Dardel, 2011). Por meio da poesia, da literatura, da fotografia, da caminhada, da música e de outras formas de expressão, a geopoética, aponta para a necessidade de reinventarmos nosso modo de viver. Propõe que a relação existencial do ser humano com seu espaço encontre a dimensão ontológica do habitar, buscando uma harmonia com a Terra. Trata-se, nesse sentido, de buscar modos sensíveis, saudáveis e inteligentes de existir.

A geopoética revela a importância da experiência como forma autêntica de leitura do real geográfico. Ressalta que o espaço não é uma entidade utilitária, mas sim um espaço concreto que envolve a intimidade humana. A geopoética nos lembra que o espaço geográfico é mais do que simplesmente um lugar físico - ele é carregado de significados, memórias e conexões emocionais que moldam nossa relação com o mundo.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa indicam que integrar o aprendizado à experiência vivida possibilita uma compreensão crítica e profunda dos lugares, indo além da simples memorização de fatos. A experiência desempenha um papel central na construção do conhecimento geográfico, especialmente quando valorizada em práticas educativas que promovem reflexão, observação e questionamento crítico.

Na contemporaneidade, a experiência sensorial e afetiva do mundo tem sido fragmentada e empobrecida pela superficialidade da modernidade. No entanto, a incorporação de abordagens como a geopoética pode reverter essa tendência. A geopoética, ao enfatizar uma conexão íntima e sensível com a Terra, oferece uma alternativa para superar a desconexão e alienação presentes na educação moderna, promovendo uma formação que transcende a transmissão de conhecimento técnico.

Portanto, a geopoética é uma forma de expressão que revela a nossa condição existencial, contribuindo para que homens e mulheres se sintam e se saibam ligados à Terra, como seres chamados a se realizarem em sua condição terrena, como pretende a ciência geográfica. A geopoética busca unir o pensamento à Terra, criando uma nova expressividade, uma poética do mundo. Trata-se de encontrar diferentes caminhos para vincular a poética ao geo, ou seja, unir, de forma contemporânea, o pensamento à Terra.

A geopoética como expressão da experiência sensível com a Terra convida a repensar a nossa relação com o mundo, transcendendo a mera análise objetiva e abrindo espaço para uma experiência sensorial e poética do espaço. Assim, a pesquisa destaca a necessidade de repensar práticas geopoéticas, integrando elementos que permitam aos educandos experienciar o espaço de forma significativa, proporcionando o despertar para uma empatia terrena, que clama por transformações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como reflexão final, destacamos a importância de abraçar a geopoética como um campo de saber que reaviva nossa conexão sensível com a Terra e resgata um sentido mais profundo de pertencimento e cuidado com o mundo que habitamos. Ao reavaliar e revalorizar a experiência como componente essencial no ensino e aprendizagem, a geopoética desafia abordagens tradicionais e oferece uma nova perspectiva para a Educação Geográfica.

Essa abordagem nos convida a priorizar a experiência direta e sensível do mundo, promovendo a contemplação e a reflexão em lugar de respostas instantâneas. Ao fazer isso,

contribui para uma educação mais humanista, preparando os estudantes para se relacionarem de maneira mais responsiva e ética com o mundo.

A geopoética, ao se concentrar nas questões fundamentais da existência humana na Terra, propõe um retorno às origens e ao essencial, constituindo-se como um movimento intelectual e ético que busca recuperar, por meio dos sentidos, o mundo que se perdeu sob o domínio excessivo da razão. Além disso, ela oferece uma crítica ao capitalismo global e desempenha um papel crucial no ensino, ao destacar a íntima conexão entre os seres humanos e o planeta. Dessa forma, inspira um senso de apreciação e responsabilidade em relação à Terra, essencial para uma educação transformadora e sustentável.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Danieli Barbosa de. Geo[Grafias]Poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar. 2022. 137 fls. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Padua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Título original: La poétique de l'espace.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.
- CAPREZ, Pierre Georges Gabriel. O ninho dos homens (geopoética da casa de barro). In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; BATISTA, Gustavo Silvano (Orgs.). **Portais da Terra**: contribuições dos estudos humanistas para a geografia contemporânea I. Teresina, PI: Edufpi Cancioneiro, 2023. p. [17-30].
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LARROSA, Jorge . **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LEEUW, Sarah; MAGRANE, Eric. Geopoetics. *Radical Geography: Antipode* at 50, p. 146-150, 2019.
- LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios**, Natal (RN), v. 20, n. 33, p. 449-484, jan./jun. 2013.
- MOREIRA, Jader Janer. **El niño que perdió su geografía**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ckuNEVwYqT8&ab\\_channel=GeografiaAcademia](https://www.youtube.com/watch?v=ckuNEVwYqT8&ab_channel=GeografiaAcademia). Acesso em: 19 jun. 2024.



OLIVEIRA, Larissa Alves de. MOURA, Jeani Delgado Paschoal.; MARANDOLA JR., Eduardo. Experiência hermenêutica e modos-de-ser na escola. In: BATISTA, Gustavo Silvano; MARANDOLA JR. Eduardo; NASCIMENTO, Claudio Reichert do.; PIMENTA, Alessandro Rodrigues (Org.). **Educar-se como práxis**: contribuições hermenêuticas para a educação. Teresina: EDUFPI, 2023, p. 147-168.

SCOTTISH Centre for Geopoetics. **What is Geopoetics?** Disponível em: <https://www.geopoetics.org.uk/what-is-geopoetics/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

WHITE, Kenneth. **La Figure du Dehors**. Paris: Éditions Grasset, 2013.

WHITE, Kenneth; Poulet, Régis. **Panorama géopétique**: théorie d'une tectonique de la Terre (Carnets de la grande ERRance t. 1) (French Edition). Editions de la Revue des Ressources. Edição do Kindle. 2014.

WHITE, Kenneth. **Le plateau de l'albatros**: introduction à la géopoétique. Le Mot et le reste, 2018.

Submetido em: 29 Junho de 2024

Aprovado em: 11 de novembro de 2024

Publicado em: 13 dezembro de 2024